

**UMA CURVA PELA MÃO ESQUERDA:  
AUTOFIÇÃO E ALTERIDADE NA TRILOGIA *OS FILHOS DE PRÓSPERO*  
DE RUY DUARTE DE CARVALHO**

Aline Tótolli Molina (USP)

**Resumo:** A obra de Ruy Duarte de Carvalho se destaca no cenário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, sua literatura se volta ao sul e se constitui de forma fronteiriça, “partindo da poesia e entrando pela antropologia adentro pela ponte do cinema, e deixando que a antropologia me catapultasse para a ficção”. Ruy Duarte configura para si uma dicção literária própria e extremamente particular que procura também construir uma identidade ao ceder sua voz ao outro. O trabalho aqui proposto apresenta a hipótese de que na obra de Ruy Duarte de Carvalho, especialmente os livros que compõem a trilogia *Os filhos de Próspero*, autoficção é utilizada como artifício para dar voz ao outro, o não ocidental. Desse modo, analisaremos três aspectos centrais de tais narrativas que explicitam tal hipótese: a incorporação de outras obras, o modo como se configura o narrador e a diluição da fronteira entre os diferentes discursos utilizados pelo narrador, tomando como base alguns textos teóricos do próprio autor, Ruy Duarte de Carvalho e a fortuna crítica existente a respeito de sua obra.

**Palavras-chave:** alteridade; literatura angolana; Ruy Duarte de Carvalho

Em “O Projeto Literário Angolano: A Identidade a Contrapelo”, Rita Chaves analisa um dos problemas centrais da Literatura Angolana: a construção de uma identidade autônoma, vinculada estreitamente à ideia de nacionalidade, em pleno período colonial. Como consequência deste projeto, a literatura acabou por tornar-se sua principal ferramenta ao trazer “para o centro da criação todo um conjunto de temas e procedimentos teóricos que pudesse concretizar o afastamento do repertório do colonizador.” (CHAVES, 2005, p.71)

Para tanto, foi necessário também, nacionalizar a língua portuguesa, subverter as estruturas linguísticas do colonizador de modo que a língua, antes instrumento de dominação, fosse transfigurada em uma espécie de espólio de guerra que sinalizasse esta construção identitária autônoma. Entre os escritores que incorporaram tal artifício em suas obras, não podemos deixar de lembrar José Luandino Vieira, cuja obra, que tem

sido extensivamente pesquisada, exerceu uma função essencial para a construção desta “angolanidade”.

Em uma comunicação intitulada “Falas & vozes, fronteiras & paisagens... escritas, literaturas e entendimentos...” (2008) Ruy Duarte de Carvalho nos diz como a literatura produzida no período anterior à independência foi fundamental para sua própria constituição identitária como Angolano. Segundo Ruy Duarte de Carvalho, tal feito se deve principalmente a um pequeno livro chamado *Luuanda*, escrito por José Luandino Vieira que, “em 1963, tinha por dois ou três dias aparecido à venda nas livrarias de Luanda.” (CARVALHO, 2008, p. 13):

Ora a esse livrinho e a alguns versos de Viriato da Cruz e de Aires de Almeida Santos, bem como a algumas crônicas de Ernesto Lara Filho, eu devo o golpe da consciência, pela via do arrepio, de uma alma Angolana que então em mim se veio acrescentar à consciência prévia de uma razão Angolana e foi responsável pela conversão à condição de Angolano.”(CARVALHO, 2008, p.14)

Segundo o autor, foi a partir da leitura de *Luuanda* e de *Grande Sertão: Veredas* que adquiriu uma enorme admiração e respeito pela literatura escrita que continuaria pelo resto de sua vida, já que “urdiu sua vida a partir da escrita e para a escrita...” (CARVALHO, 2008, p.14)

No entanto, seu projeto literário se distancia da escrita de Luandino Vieira e de outros escritores angolanos. Sua escrita se faz também pelas vias da identidade, mas ao passo que encontramos, principalmente na literatura anterior à independência, uma literatura que dá voz à possibilidade uma identidade nacional, a questão da identidade se configura de forma diferente na obra de Ruy Duarte de Carvalho.

Ao voltar sua escrita ao sul, Ruy Duarte configura para si uma dicção literária própria e extremamente particular que procura construir uma identidade, mas uma identidade plural, que se faz sempre em contato com o OUTRO, o não ocidental. Ao ceder sua voz ao outro, Ruy Duarte de carvalho permite que ele se inscreva em sua narrativa:

a antropologia , entretanto, veio não só garantir-me a hipótese de ter acesso ao que poderia passar-se na cabeça e no coração de determinadas personagens – em termos de cultura – por lógicas, conceptualizações e representações que não exatamente as que determinavam o curso do mundo que predominantemente me envolvia a mim e as envolvia a elas(...), como me permitiu constituir-me a mim mesmo como personagem, como narrador que das personagens que refere sabe o que sabe e o que pode, com alguma segurança e sem operar obrigatoriamente reduções, inferir..... quer dizer, o que pode presumir entender da maneira como os outros agem, e pensar e sentir do do que os outros poderão pensar e sentir.....e ainda assim..... o narrador em que me constituo continua a não ser capaz de colocar-se naquela situação em que o autor se apodera da consciência di outro..... apenas lhe disponibiliza o que o outro lhe terá feito saber de si mesmo..... (p.23)

O OUTRO se torna, dessa forma, uma das principais forças em sua obra. Em uma comunicação intitulada “Tempo de ouvir o “outro” enquanto o ‘outro’ ainda existe, antes que haja só o outro... Ou pré-manifesto neo-animista”, Ruy Duarte de Carvalho procura, uma vez mais, acessar o problema da alteridade colocando em questão o problema da alteridade no contexto global/universal/ocidental em que vivemos.

O autor, dentre as diversas categorias de OUTRO possíveis, trabalha com as categorias que estão presentes nas sociedades pós-coloniais e nas antigas metrópoles. Seriam elas o *OUTRO*, que representa os ex-colonizados ou seus filhos que vivem nas ex-metrópoles. Apesar de serem cidadãos das ex-metrópoles, são considerados grupos minoritários que apresentam traços fenotípicos e culturais semelhantes. O ‘OUTRO’ representaria para o autor o ex-colonizado ocidentalizado que hoje, nas antigas colônias faz parte das classes dominantes e dirigentes. O “OUTRO”, por fim, seria o OUTRO absoluto, “aquele sujeito marcado por traços afetos a populações que, integradas embora como nacionais em Estados-nação que hoje existem a partir de contornos ex-coloniais, mantêm usos, praticas e comportamentos mais afins a quadros pré-coloniais do que pós-coloniais ou mais ou menos ocidentalizados.” (CARVALHO, 2008b) É, precisamente, este “OUTRO” que surge em sua obra de forma extraordinária: em vez de contar-lhe, sob sua perspectiva o autor cede ao OUTRO sua voz, ficando sempre à deriva entre o discurso ficcional, o discurso etnográfico e a poesia.

Ao trabalhar a obra de Ruy Duarte de Carvalho, somos forçados a lidar com o fato que não é possível dissociá-la de sua trajetória um tanto particular:

tive de ver se entendia o que andava a ver, que é aliás o que, parece-me há de forçosamente acontecer de qualquer maneira seja a quem for que se queira escritor perante o que a vida lhe dá para viver.... e, entre o que andava a ver, havia gente a agir..... e para me atrever a conjecturar o que levava essa gente a agir da maneira que agia, sendo por vezes de cultura tão distante da ocidental ou ocidentalizada e agindo assim de maneira tão diferenciada em relação à razão dominante, tive que fazer muita travessia e fazê-lo exactamente onde e da maneira como me aconteceu..... partindo da poesia e entrando pela antropologia adentro pela ponte do cinema, e deixando que a antropologia me catapultasse para a ficção que ando finalmente a arriscar..... (CARVALHO, 2008, p. 22)

Além dos textos ensaísticos, a preocupação com alteridade também está presente em sua poesia, da qual podemos destacar *Ondula Savana Branca* e *Lavra Paralela* em que autor, de forma antropofágica, traz à luz, textos orais de diversas partes da África, que são retrabalhados de modo a constituir uma forma de divulgação e disseminação do que foi possível reunir deste material.

Neste primeiro momento de pesquisa, nossa preocupação principal é percorrer sua obra em prosa, em especial a trilogia *Os Filhos de Próspero* em busca das estratégias utilizadas pelo autor para trazer o OUTRO para sua literatura.

Ao se inscrever no texto como um personagem, o narrador de *Os papéis do Inglês* se desloca pela narrativa apropriando-se das experiências do autor, Ruy Duarte de Carvalho, e compondo duas estórias: a estória de sua viagem e a sua estória enquanto personagem, que envolve a busca de alguns papéis que pertenceram ao personagem que inventou para contar a estória de um inglês, a quem chama Archibald Perkins, que no início do século havia passado por aquelas paragens e que, por razões desconhecidas, se suicidou no Kwando, em 1923.

Esse “OUTRO” aparece, ao longo da narrativa, de diversas formas, seja como seus informantes nos lugares por onde passa em sua viagem e na busca dos papéis de Archibald Perkins, seja como suas personagens. Sua presença na narrativa é constante, mas sem ceder em momento algum ao impulso ocidentalizante que o representa de

forma folclorizada e estanque à maneira Evolucionista, como se o “OUTRO” não fosse nada além de um primitivo, preso a um estágio de evolução já ultrapassado. A presença do OUTRO em seu texto se configura de modo a evidenciar que

alguém, mesmo sendo o “OUTRO”, pensando de uma maneira radicalmente diferente, possa conseguir ver certas coisas e certos fenômenos de uma maneira melhor e mais adequada à efetiva configuração do mundo, e que os ocidentais e os ocidentalizados, nesse caso, é que teriam a aprender com o “OUTRO”, e (...) permitisse ao próprio saber ocidental achar ser tempo de prestar uma atenção diferente aos chamados discursos arcaicos, dar-se a uma contra-descoberta, por assim dizer, daqueles que antes foram descobertos pelas caravelas.....(CARVALHO, 2008b)

Podemos perceber essa presença em seu texto, de duas formas: pela reescrita de textos de teor colonialista como a crônica de Henrique Galvão e a novela *The Return* de Joseph Conrad, que de alguma forma acabam por confluir em sua própria invenção:

A presença de um gentleman inglês naquelas paragens, e nas condições em que Galvão o colocava, acabou pois por desencadear a imensa fadiga de Archibald Perkins perante o meio acadêmico em que circulava e o desarranjo conjugal que precipitou sua saída de Londres (...) E foi a partir daí, julgo, que o curso de tanta insatisfação se apoderou de mim até me impor uma versão nova para a cadeia dos eventos e das causalidades que a pouco e pouco, afinal, assumia os contornos de uma estória muito mais complexa. (CARVALHO, 2007, p.61)

Nesta nova configuração da estória do Inglês, o “OUTRO” abandona seu papel de primitivo e assume junto ao protagonista uma espécie de parceria, análoga à relação estabelecida pelo narrador-personagem Ruy Duarte e seu ajudante Paulino, na medida em que o Inglês passa a acompanhar os solos de kissange do Ganguela na sanzala: “os solos de kissange do Ganguela, surdina morosa em noites de lua e frias, e nos intervalos de alguns trechos mais sentidos era o lancinante contraponto do stradivarius que vinha dilacerar o peito de tantos homes, de tanta raça e tão sós.” (CARVALHO, 2007, p.79)

Mais do que parceria entre o Inglês e o Ganguela, poderíamos dizer, que se trata de um respeito ao “OUTRO” e ao que ele representa, que por fim levou ao desenlace final da narrativa: o frio assassinato do grego por este ter saqueado ao ponto de sobrar nada além de ruínas do que fora o tesouro de Lobengula.

Fora a narrativa inventada pelo narrador-personagem, o “OUTRO” se faz presente na narrativa de outra forma: pela voz de seus informantes e Paulino e na presença em sua narrativa do tyimbanda, entre outros personagens. No entanto, o momento da narrativa que lhe é dedicado se encontra ao fim do livro, quando é alterado o registro do livro. A partir da página 159, sem sair do enredo, nos vemos lendo uma etnografia sobre a festa de Nungunu, seu destino final em busca dos papéis de Archibald Perkins:

Etnografias, mais:

Dia seguinte, com o nascer do sol: início das operações. Dirigimo-nos todos para o local escolhido, que é na encosta de uma colina mais baixa, frente ao descampado onde temos permanecido. O tyimbanda, com mais quatro mulheres e o dono da esta, o Nungunu, detêm-se numa mulola que é preciso atravessar e marcam-se nas fontes, na testa, sobre o nariz, pelos braços fora a partir dos pulsos, nos flancos, pernas e coxas, à volta dos tornozelos e nas pás do peito com caulino branco. (CARVALHO, 2007, P.159)

Juntamente com *Os papéis do inglês* (2007), *As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009) formam a trilogia *Os filhos de Próspero*. No segundo volume da trilogia, *As paisagens propícias*, o narrador parte, desta vez, em busca do branco da Namíbia, Severo ou SRO, cujos papéis encontrara misturados aos do inglês. Da mesma forma que o narrador estabelece uma relação de duplicidade com o personagem que inventou no primeiro livro, Archibald Perkins, o mesmo se dá com seu novo interlocutor, Severo. No entanto, essa relação de duplicidade se configura de outra forma em *As paisagens propícias* na medida em que a voz do narrador cede espaço desta vez à narrativa de Severo, ou SRO e, aos poucos, assume não somente seu modo de escrever, mas também sua perspectiva frente ao mundo.

N<sup>o</sup> *As paisagens propícias*, percebemos uma relação mais próxima em relação ao ‘OUTRO’, já que este ‘OUTRO’ aparece na narrativa personificado por Severo. “SRO era mulato, portanto. Mulato daqueles que ficam com o tempo a dar para o verde e podem vir a confundir-se cada vez mais com os brancos baços a quem acontece o mesmo.” (CARVALHO, 2005, p.50-51) Filho de pai português e mãe africana, Severo foi levado para Portugal aos seis meses de idade, e voltara a Angola aos vinte anos de idade em “busca da sua mãe, ou daquilo que uma mãe que é negra pode metaforizar, destinada a nunca mais o largar pela vida inteira.” (CARVALHO, 2005, p.52)

Em *A terceira metade*, o modo de contar a estória não permanece o mesmo: o narrador passa a se construir a partir, também, das paisagens que percorre, não só levando a elas sua narrativa, mas se inscrevendo nelas, explicitando a condição constitutiva que elas representaram para si. As paisagens propícias internalizadas pelo narrador Ruy Duarte e por Severo seguem para outras paragens, tornando essa relação de espelhamento ainda mais intensa. Percebemos que a habilidade autobiográfica do autor abraça também seus personagens. A narrativa passa a se dar por meio de um jogo de reflexos e duplicidades. O narrador assume a forma de narrar de Severo e deixa ainda mais clara a duplicidade entre ambos se misturando também a ele. “A sua escrita fragmentada frase a frase, deixa então de mastigar detalhes e lança-se daí para frente, numa articulação quase sucinta de encadeamentos de factos e de circunstâncias” (CARVALHO, 2005, p. 216), de modo que esse último livro retoma toda sua obra, refletindo e redimensionando suas palavras em diferentes momentos e personagens.

No começo da narrativa, o narrador avisa o leitor que as passagens pertencem ora ao caderno do narrador, ora ao caderno do autor. Parece que o narrador – ou o autor – o fez não como uma separação epistemológica, mas como uma brincadeira para confundir o leitor e os críticos que viriam a ler sua obra. Fora o comentário explícito, não há traços que diferenciem os dois cadernos. A relação entre narrador e autor é escancarada, ao passo que ele se dilui em sua narrativa, elaborando a si mesmo como personagem, o autor, por meio de uma dimensão ensaística: passa, então, a contar a história dos lugares por onde passa e as histórias que ouvira de Trindade, cedendo-lhe sua voz, tornando sua a estória escrita. Portanto, *A terceira metade*, mais do que a

estória de uma busca e de um encontro, é a estória de um personagem, Trindade, que representa, por sua vez, o tal “OUTRO”, o outro absoluto:

o Trindade é negro, sim, mas é mucuíssso, não é banto de origem..... e no contexto em que sempre viveu nunca deixou de ser-lhe lembrado, tanto por brancos, quanto por negros, que a sua ‘raça’ é a de um twa, de uma vátua, de um ‘primitivo pré-banto’, domesticado tanto pela incidência banta como pela incidência ocidental.... um absoluto imprevisto olhar, portanto e de qualquer maneira..... e, para o autor, talvez, uma terceira metade da mesmíssima coisa que tinha andado a tentar dizer antes, dando notícia de outros olhares,,,,, até encarar o risco e pretender aventurar-se agora, explorador impenitente, pelo ignoto continente de uma consciência assim..... (CARVALHO, 2009, p.23)

Podemos afirmar, portanto, que mais do que um tema, a presença do OUTRO na escrita de Ruy Duarte de Carvalho assume a configuração de uma espécie de projeto literário, presente e todas as vertentes de sua obra, ou, nas palavras do próprio autor:

é antes ter algumas idéias para uma eventual hipótese de poder vir a ajudar a encontrar maneira de achar um caminho..... admitir uma possível perturbação, reconfiguração ou mesmo substituição prospectiva, pragmática e programática do paradigma cosmogónico, cognitivo, institucional e político ocidental / global / universal, recorrendo a outros quadros paradigmáticos..... (...) não se trataria seguramente de tentar sustentar a mudança mas de convocar outros saberes, outras visões, outras maneiras, outras hipóteses de mudança para além da que é imposta pelo programa ocidental..... nem se trataria de visar a substituição de um paradigma por outro ou de propor um melhor que o outro ..... mas alvitrar apenas alguma ação que soubesse extrair do que se sabe, e de todos os meios e expressões, alguma maneira melhor de lidar com toda a ordem de impasses sem estar a criar sempre novos impasses civilizacionais, acrescentando novos impasses a toda a ordem deles.....



## Bibliografia

- CARVALHO, Ruy Duarte de. *As paisagens propícias*. Lisboa: Cotovia, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Desmedida*. Lisboa: Cotovia, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Os papéis do inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A Câmara, a escrita e a coisa dita...* Lisboa, Cotovia, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *A terceira metade*. Lisboa: Cotovia, 2009.
- \_\_\_\_\_. “Tempo de ouvir o “outro” enquanto o ‘outro’ ainda existe, antes que haja só o outro... Ou pré-manifesto neo-animista”. Intervenção na Conferência da Gulbenkian a 27 /10/2008 cujo título geral era: *Podemos viver sem o outro?* e foi publicada no livro com o mesmo título, vários autores, pela Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008b. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/tempo-de-ouvir-o-outro-enquanto-o-outro-existe-antes-que-haja-so-o-outro-ou-p>>. Acessado em: 11 de julho de 2015
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Formação do romance angolano*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1999.